



Escutar, discernir e caminhar: uma releitura sinodal do método ver-julgar-agir

Listen, discern and journey:
a synodal reinterpretation of the
see-judge-act method

*Anderson Batista Monteiro**

Recebido em: 03/08/2025. Aceito em: 09/09/2025.

Resumo: *Este artigo tem por objetivo analisar a tríade “escutar, discernir e caminhar” como chave hermenêutica da sinodalidade, indicando sua pertinência teológica e pastoral como atualização do método “ver, julgar e agir”. A análise busca evidenciar a relevância dessa tríade no atual processo sinodal, indicando como ela expressa a identidade da Igreja como Povo de Deus, fundamentada na comunhão, na participação e na missão. Esta proposta metodológica emerge do processo sinodal em curso na Igreja, que busca renovar suas estruturas e práticas a partir da escuta do Espírito Santo e da participação ativa de todo o Povo de Deus. Escutar é mais do que ouvir: trata-se de acolher com empatia as vozes do outro, da comunidade e do mundo, criando espaço para o diálogo e a conversão pastoral. Discernir exige interpretar, à luz da fé, os sinais dos tempos, buscando a vontade de Deus por meio de um processo espiritual, comunitário e missionário. Caminhar, por sua vez, representa a dimensão concreta da sinodalidade, marcada pela corresponsabilidade e pelo engajamento dos fiéis na vida da Igreja. O artigo apresenta que essa tríade expressa não somente um método, mas também revela uma nova forma de ser Igreja: mais próxima, participativa e missionária. Assim, o método “escutar, discernir e caminhar” contribui decisivamente para a construção de uma Igreja sinodal, em saída, que caminha com a humanidade e testemunha o Reino de Deus no tempo presente.*

Palavras-chave: *Eclesiologia; evangelização; Papa Francisco, sinodalidade; pastoral.*

* Doutor (2022) e Mestre (2017) em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor no Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Presbítero incardinado na Arquidiocese do Rio de Janeiro.
E-mail: andersonbatista@puc-rio.br.





Abstract: *This article aims to analyze the triad “listening, discerning, and journey” as a hermeneutical key to synodality, indicating its theological and pastoral relevance as an updated version of the “seeing, judging, and acting” method. The analysis seeks to highlight the relevance of this triad in the current synodal process, indicating how it expresses the Church’s identity as the People of God, grounded in communion, participation, and mission. This methodological proposal emerges from the ongoing synodal process within the Church, which seeks to renew its structures and practices based on listening to the Holy Spirit and the active participation of all the People of God. Listening is more than hearing: it involves empathetically welcoming the voices of others, the community, and the world, creating space for dialogue and pastoral conversion. Discerning requires interpreting the signs of the times in the light of faith, seeking God’s will through a spiritual, communal, and missionary process. Journey, in turn, represents the concrete dimension of synodality, marked by co-responsibility and the engagement of the faithful in the life of the Church. The article shows that this triad expresses not only a method, but also reveals a new way of being Church: closer, more participatory, and missionary. Thus, the “listening, discerning, and journey” method contributes decisively to the construction of a synodal, outgoing Church that walks with humanity and bears witness to the Kingdom of God in the present time.*

Keywords: *Ecclesiology; evangelization; Pope Francis, synodality; pastoral.*

Introdução

Os verbos escutar, discernir e caminhar aparecem diversas vezes no pontificado do Papa Francisco quando se trata, sobretudo, de sinodalidade e missão. De diferentes modos, e, por vezes, utilizando outras palavras, podemos perceber a germinação de um novo método a ser aplicado na vida da Igreja. Buscando ler os sinais dos tempos e neles encontrar os apelos de Deus, a experiência de ouvir, discernir e caminhar tem indicado um caminho para novas respostas diante dos desafios de interpretar os sinais dos tempos à luz do Espírito Santo.

Por mais de cem anos, consolidou-se na Igreja, especialmente na América Latina, o método ver-julgar-agir como uma resposta aos desafios apresentados diante da realidade social, política, econômica, cultural e religiosa vigente. No convite à conversão pastoral e à construção de novas estruturas, queremos propor o método ouvir, discernir e caminhar como uma contribuição à missão evangelizadora da Igreja, para que permaneça sempre próxima do povo, partilhando suas alegrias e sofrimentos, caminhando com todos na construção do Reino de Deus.

A sinodalidade não se reduz a um modelo organizacional ou a uma estrutura administrativa: ela configura uma experiência espiritual



profunda, na qual se manifesta a identidade da Igreja como Povo de Deus. Nesse contexto, os verbos escutar, discernir e caminhar têm um significado que ultrapassa a mera execução de tarefas; eles expressam uma dinâmica espiritual que busca renovar a Igreja a partir de sua base, incentivando uma verdadeira comunhão e participação de todos os fiéis na vida da Igreja.

1 Recordando o método ver-julgar-agir

O método **ver-julgar-agir** tem suas origens na França, no contexto do Catolicismo Social e da Associação Católica da Juventude Francesa (ACJF). Foi sistematizado pelo padre **Joseph Léon Cardijn**, em diálogo com o pensamento de **Albert de Mun** e com base na tríade que fundamentava a ACJF — “piedade, estudo e ação”. A primeira formulação escrita do método apareceu em um texto de 1914, proveniente de uma conferência de Cardijn (Brighenti, 2022, p. 13-14). Absorvido pela tradição eclesial e difundido entre os círculos operários europeus, o método foi incorporado ao Magistério por **João XXIII**, acolhido em documentos do **Concílio Vaticano II** e amplamente aplicado na América Latina. De uma proposta inicialmente marginal, passou a ser reconhecido como instrumento relevante na ação pastoral da Igreja, consolidando-se como método teológico presente, inclusive, em diversos documentos da Doutrina Social da Igreja e nos discursos e escritos do Papa Francisco.

O primeiro momento do método consiste em **ver**, ou seja, analisar criticamente a realidade concreta. No caso da Juventude Operária, tratava-se de ver o mundo do trabalho e seus desafios. Em seguida, **julgar** essa realidade à luz do Evangelho. E por fim, **agir** em um constante processo contínuo de renovação e transformação.

Apesar das críticas iniciais, a pedagogia de Cardijn foi oficialmente reconhecida pelo Papa em 1925, conferindo legitimidade eclesial à Juventude Operária Católica e ao seu método. Em 1961, o método foi assumido no magistério pontifício por meio da encíclica *Mater et Magistra*, de João XXIII. Da mesma forma, encontramos o método na *Gaudium et Spes*, *Populorum Progressio* e *Solicitudo Rei Socialis*. E na América Latina, o método jocista (ver-julgar-agir) foi amplamente absorvido, como visto nas Conferências de Medellín, Puebla e Aparecida. No Brasil, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, utiliza esse método em diversos documentos. Como exemplo, as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora e os textos bases da Campanha da fraternidade.



Conforme a proposta concebida por **Cardijn**, o método parte da análise das **realidades concretas**, que são iluminadas pelo **Evangelho** com o objetivo de gerar ações transformadoras. O ponto de partida é a realidade social, abordada por meio de um estudo atento da situação econômica, política, cultural e eclesial (Brighenti, 2015, p. 611). Essa análise permite uma compreensão mais profunda do contexto, superando a superficialidade do senso comum e revelando dimensões ocultas que, muitas vezes, permanecem encobertas por estruturas sociais, políticas e até mesmo religiosas. O “ver” não se limita a observar, mas busca interpretar criticamente os fatos e desvelar suas potencialidades transformadoras.

A partir desse primeiro encontro com a realidade, identificam-se as **interpelações** que dela emergem. Essas são então analisadas à luz da **Palavra de Deus**, dos ensinamentos do **Concílio Vaticano II**, do **Magistério** e da experiência viva da Igreja. Nesse estágio, aplicam-se **critérios teológicos** que orientam a leitura e o aprofundamento das questões levantadas. O “julgar” exige, portanto, um discernimento cuidadoso, que transforma a realidade com a força criadora da Palavra.

Por fim, o “agir” é compreendido como a **encarnação do julgamento**, no interior do processo iniciado pelo “ver”. Não se trata da execução de tarefas pontuais ou superficiais, mas da adoção de atitudes concretas e coerentes, que vão desde a prática da caridade até o enfrentamento estrutural dos problemas. Trata-se de um compromisso contínuo de **transformação religiosa e social**, sustentado por uma ação pastoral articulada e orientada pelo ideal do **Reino de Deus**.

O método **ver-julgar-agir** consolidou-se ao longo do tempo como um dos instrumentos mais fecundos da ação evangelizadora da Igreja. Sua força está na capacidade de articular de modo indissociável a leitura crítica da realidade, o discernimento à luz do Evangelho e a resposta transformadora em atitudes concretas. Ao ser assumido pelo magistério pontifício e pelas conferências episcopais latino-americanas, tornou-se um verdadeiro paradigma de pastoral encarnada, profundamente comprometida com a vida dos pobres e com a construção de uma sociedade mais justa.

2 Escutar, discernir e caminhar

Embora consolidado na tradição teológica e pastoral da Igreja, o método **ver-julgar-agir** continua a exigir constante reflexão e atualização.



Passados mais de cem anos desde sua formulação original, percebe-se, nos discursos do Papa Francisco e no desenvolvimento do processo sinodal, sinais de uma possível releitura do método proposto por Cardijn. Ainda que não se tenha estabelecido uma nova tríade de forma definitiva, na homilia de abertura do Sínodo, em 10 de outubro de 2021, o Papa apresentou os verbos **encontrar, escutar e discernir** como elementos centrais da caminhada sinodal. Posteriormente, em seu discurso à Cúria Romana, em 21 de dezembro de 2023, Francisco propôs uma nova sequência: **escutar, discernir e caminhar**, configurando um autêntico **itinerário de fé**, mais sintonizado com os desafios contemporâneos da evangelização e com o espírito da sinodalidade.

Ao analisar essa nova proposta, chama atenção o primeiro verbo da tríade: **“escutar”**. Escutar supõe, antes de tudo, **encontrar**, o que revela uma forte afinidade com o processo sinodal em curso. Ao longo dos Evangelhos, encontramos diversos episódios nos quais homens e mulheres se deparam com Jesus – encontros que geram cura, libertação e vida nova. Em todos esses momentos, Jesus **escuta** profundamente as pessoas, reconhecendo nelas a dignidade ferida e a fé viva. Sobre essa escuta transformadora, o Papa Francisco (2021) ensina:

Somos chamados a tornar-nos peritos na arte do encontro; peritos, não na organização de eventos ou na proposta duma reflexão teórica sobre os problemas, mas, antes de mais nada, na reserva dum tempo para encontrar o Senhor e favorecer o encontro entre nós: um tempo para dar espaço à oração, à adoração – uma oração que tanto transcuramos: adorar, dar espaço à adoração –, àquilo que o Espírito quer dizer à Igreja.

A **escuta** nasce do **encontro** e requer abertura interior e disponibilidade para se deixar interpelar pelo outro. Trata-se de escutar as perguntas, inquietações e esperanças de cada pessoa, assim como os clamores do mundo, seus desafios e constantes transformações. É necessário envolver-se e deixar-se envolver, abandonando posturas impositivas, defensivas ou autorreferenciais, sustentadas por certezas fechadas em si mesmas.

A escuta, portanto, não constitui um fim em si mesma, nem tem por objetivo a manutenção do *status quo*; ao contrário, ela inaugura o processo de mudança por meio de um diálogo genuíno. O primeiro passo desse diálogo é a escuta de Deus, que se dá, de modo concreto, por meio da escuta recíproca entre os irmãos e irmãs na fé. Para que esse processo seja autêntico, é necessário abrir a mente e o coração, superando preconceitos



e julgamentos prematuros que, muitas vezes, surgem da ignorância ou de hábitos que geram divisão (Czerny, 2022, p. 82).

A sinodalidade só pode florescer se estiver ancorada na convicção de que a diversidade não é obstáculo, mas riqueza. Ela brota da realidade afetiva da **fraternidade**, cultivada na amizade, no respeito mútuo e na acolhida das diversas identidades humanas.

Dessa escuta profunda, exercida com abertura, empatia e reconhecimento da diversidade, brota o segundo passo do itinerário sinodal: **discernir**. Discernir significa examinar atentamente os **sinais dos tempos** e a realidade concreta, a fim de buscar a vontade do Pai e tomar decisões coerentes com o Evangelho (1Ts 5,21; Ef 5,10). Como afirma Gomes *et al.* (2023, p. 90),

o exercício do discernimento pessoal e comunitário está no centro dos processos e eventos sinodais. Nesse caminho, pastores e fiéis conspiram, sob a ação do Espírito Santo, em direção à verdade do Evangelho e ao bem de toda a Igreja.

Por isso, nela se envolvem a hierarquia, as associações de leigos, os movimentos eclesiais, as novas formas de vida consagrada e o diálogo com outras Igrejas cristãs e não cristãs. Esta etapa não é responsabilidade exclusiva de alguns, mas deve ser vivida por **toda a Igreja**, em sua pluralidade de vocações e ministérios.

Na exortação apostólica *Gaudete et Exsultate*, o Papa Francisco dedica boa parte do capítulo V à explicação do que é o discernimento. Ele o define como um **dom** e uma **graça**, que precisam ser constantemente **buscados e cultivados**. Em um mundo saturado de estímulos, repleto de distrações e marcado pela manipulação das consciências – especialmente por meio das redes sociais e das tecnologias digitais (como a inteligência artificial) – o discernimento torna-se uma ferramenta essencial para seguir o Senhor com fidelidade. Nesse processo, a **razão** e o **conhecimento científico** não são excluídos, mas reconhecidos como aliados. Como afirma o Papa na *Gaudete et Exsultate* (n. 172):

Não nos esqueçamos de que o discernimento orante exige partir da predisposição para escutar: o Senhor, os outros, a própria realidade que não cessa de nos interpelar de novas maneiras. Somente quem está disposto a escutar é que tem a liberdade de renunciar ao seu ponto de vista parcial e insuficiente, aos seus hábitos, aos seus esquemas. Desta forma, está realmente disponível para acolher uma chamada que quebra



as suas seguranças, mas leva-o a uma vida melhor, porque não é suficiente que tudo corra bem, que tudo esteja tranquilo. Pode acontecer que Deus nos esteja a oferecer algo mais e, na nossa cômoda distração, não o reconheçamos.

A Igreja é chamada a discernir constantemente os **apelos do Senhor**, que se manifestam nos irmãos e irmãs, nas realidades concretas e nos sinais dos tempos. Vivemos em um mundo marcado por mudanças rápidas, fluidez cultural e transformações profundas. Nesse contexto, torna-se ainda mais necessário que a Igreja se mantenha atenta e disponível para interpretar tais sinais de maneira adequada, à luz do Evangelho e sob a ação do Espírito Santo.

O discernimento, tanto pessoal quanto comunitário, configura-se como um eixo essencial da **sinodalidade**, entendida Czerny por como “um processo espiritual cujo fundamento repousa na convicção de que Deus age no mundo e de que somos chamados a aprender as pistas do porvir que se manifestam no presente – os sinais dos tempos” (2022, p. 81). Esse processo exige escuta, abertura, humildade e corresponsabilidade de todos os batizados.

Ainda estamos acompanhando os desdobramentos teológicos e pastorais das práticas de discernimento no caminho sinodal. Uma **Igreja em saída** deve manter-se em contínuo movimento de escuta e discernimento para permanecer fiel às fontes da fé e à vontade de Deus. Isso implica reconhecer a **responsabilidade de todos os fiéis** no direcionamento da missão da Igreja, por meio da participação ativa de cada membro do Povo de Deus, com vistas à construção de comunidades florescentes e resilientes para a missão da Igreja de hoje.

Vale destacar que a fase do **discernimento** encontra ressonância na prática jesuíta do **discernimento comunitário**, profundamente enraizada na **espiritualidade inaciana**. Nessa tradição, antes de qualquer deliberação sobre um tema, os participantes são convidados a dedicar um tempo de oração individual e silenciosa, buscando escutar a voz do Espírito em suas consciências. Em seguida, todos se reúnem para uma partilha em que cada pessoa apresenta os frutos de sua oração, enquanto os demais escutam em silêncio, sem interrupções. Após essa primeira escuta, realiza-se uma segunda rodada de partilha, na qual cada participante expressa suas próprias reações ao que foi ouvido (Guerrero Alves; Martín López, 2023, p. 49.89). A ênfase, portanto, não recai sobre a formulação imediata de soluções, mas sobre a escuta recíproca e a



compreensão mútua, condição fundamental para que o discernimento comum possa amadurecer.

Na conversa no Espírito, não se valoriza tanto a unanimidade de opiniões ou ter uma perspectiva comum mas muito mais a comunhão dos corações na busca de um bem comum, no desejo de obedecer à vontade de Deus, seja qual for. Ter diferentes perspectivas enriquece a busca e o discernimento comum. Ajuda a descobrir os diferentes modos nos quais o Espírito está presente e atua no grupo (Guerrero Alves; Martín López, 2023, p. 51).

Essa dinâmica foi amplamente aplicada durante o **Sínodo sobre a sinodalidade**, especialmente nos pequenos grupos de trabalho (Secretaria do Sínodo dos Bispos, 2024). Um facilitador assegurava que todos os participantes tivessem a oportunidade de falar, garantindo que ninguém fosse excluído. Na primeira rodada, cada membro partilhava sua experiência pessoal e sua perspectiva individual. Na segunda, os participantes comentavam o que havia ressoado em si a partir das falas anteriores. Por fim, na terceira rodada, o grupo explorava convergências, divergências, pontos que exigiam maior aprofundamento e possíveis caminhos de ação. Também nesse processo, a prioridade estava na **compreensão mútua** e no escutar conjunto, antes de qualquer avaliação conclusiva.

Por fim, a etapa do **caminhar** representa a dimensão **concreta e dinâmica** do processo sinodal. Trata-se de **caminhar segundo o Espírito**, como exorta o apóstolo Paulo: *Deixai-vos conduzir pelo Espírito* (Gl 5,16). Esse movimento não é individual nem meramente interior, mas **eclesial**, vivido na comunhão com os irmãos e irmãs na fé. Os verbos **escutar, discernir e caminhar** delineiam, juntos, um verdadeiro **itinerário espiritual**, orientado pela ação do Espírito Santo. Tal percurso não se realiza de forma isolada, mas é trilhado no seio da comunidade eclesial, que valoriza a diversidade de vocações, carismas e perspectivas como expressão da riqueza do Corpo de Cristo.

Caminhar apenas com aqueles que pensam da mesma forma, excluindo os diferentes, é trair o horizonte da sinodalidade, que se funda na **escuta recíproca** na **corresponsabilidade de todos os batizados**. A sinodalidade exige a superação de visões uniformizantes, abrindo-se à alteridade como condição para o amadurecimento comunitário e eclesial.

A **Igreja sinodal**, compreendida como “**Igreja em saída**”, é uma Igreja em constante movimento. Ela não se fecha em suas estruturas, mas



se deixa conduzir pelo Espírito rumo a Deus e ao encontro com o mundo, especialmente com aqueles que se encontram nas **periferias existenciais**. Nesse caminhar solidário e corajoso, manifesta-se sua **fidelidade ao Evangelho** e sua disposição em responder, com criatividade e ousadia, aos desafios do tempo presente

Em contraste com o “**agir**”, que frequentemente implica uma ação vertical, conduzida de fora para dentro, o verbo “**caminhar**” expressa uma dinâmica horizontal e relacional, que envolve todos os participantes da vida eclesial. Esse caminhar conjunto não depende da função ou do grau de instrução dos fiéis, pois, como afirma o Papa Francisco, “**cada batizado, independentemente de sua função na Igreja ou do nível de instrução em sua fé, é um agente ativo de evangelização**” (EG, n. 120). O “caminhar juntos” é possível graças “a unção do Espírito Santo faz com que os fiéis, na sua totalidade, sejam infalíveis *in credendo*. Isso significa que o povo de Deus é santo e que, ainda que não possua condições terminológicas para expressar sua fé de maneira conceitual, possui um ‘instinto de fé’” (Gomes *et al.*, 2023, p. 90). Na **Igreja sinodal**, todos os fiéis são reconhecidos como **companheiros de caminho**, corresponsáveis pela missão evangelizadora. Essa corresponsabilidade decorre da participação de todos, em virtude do **batismo**, nos três **múnus** de Cristo: **sacerdotal, profético e real**.

A participação de todos é importante para a renovação da missão da Igreja, pois:

Os fiéis são capazes não só de reconhecerem o que está de acordo com o Evangelho e rejeitar o que lhe é contrário, mas também de perceber o que o Papa Francisco chama de ‘novas formas para o caminho’ da fé de todo o povo peregrino. Uma das razões pelas quais os bispos e sacerdotes devem estar próximos de seu povo a caminho e devem caminhar com ele, é justamente para que eles possam reconhecer esses “novos caminhos” (CTI, 2014, n. 127).

Impulsionado pela força do Espírito Santo, o sonho de “**caminhar juntos**” tornar-se-á realidade à medida que as **práticas eclesiais** se configurem como expressões concretas de **comunhão, participação e corresponsabilidade** de todos os membros do Povo de Deus no exercício da missão que lhes foi confiada. Nesse horizonte, o mais decisivo não é ocupar espaços de poder, mas **iniciar processos**, como sublinha o Papa Francisco (EG, n. 223). Trata-se de uma dinâmica que exige profunda confiança na ação do Espírito Santo, cujo ritmo transcende



as urgências e pragmatismos humanos, mas que, ainda assim, requer a **colaboração ativa** da comunidade eclesial na edificação de uma Igreja autenticamente sinodal.

O caminhar não constitui apenas a etapa final do método sinodal, mas exprime um modo próprio de ser Igreja, enraizado na escuta recíproca, no discernimento comunitário e na corresponsabilidade entre todos os membros do Povo de Deus. Caminhar juntos e professar conjuntamente a fé é o que permite à Igreja superar os riscos do autorreferencialismo e manter-se fiel ao Evangelho que a fundamenta e orienta sua missão. Trata-se, portanto, de um movimento contínuo, que une identidade e missão, tradição e profecia, comunidade e envio.

A **caminhada sinodal** implica, igualmente, a capacidade de **caminhar com a humanidade** em suas **alegrias e esperanças, dores e angústias** (GS, n. 1), tornando-se expressão concreta de uma Igreja que se coloca ao lado de todos, especialmente dos mais vulneráveis, como **sinal vivo do Reino de Deus em gestação no mundo**. Trata-se de uma disposição profunda para assumir, em solidariedade, os sofrimentos e as esperanças da história humana, participando ativamente da vida do povo e sendo presença de consolo, justiça e profecia.

Esse dinamismo exige que a Igreja **saia de si mesma**, supere práticas **excludentes** e se abra ao **diálogo com a pluralidade de culturas, tradições religiosas e realidades sociais contemporâneas**. Tal processo não se reduz à reforma de estruturas, mas implica uma **conversão missionária e pastoral**, que reconheça que os frutos da escuta, da comunhão e da conversão sinodal não se produzem segundo as pressões da eficiência imediata, mas **amadurecem no tempo de Deus**, com a paciência própria do Reino.

Caminhar sinodalmente, por fim, é comprometer-se com a **construção de uma Igreja capaz de discernir e responder, com fidelidade criativa, aos desafios do tempo presente**, sem perder de vista sua vocação de ser, ao mesmo tempo, memória viva do Evangelho e geradora de esperança para o mundo.

Caminhar juntos – todos, todos, todos – é um processo no qual a Igreja, dócil à ação do Espírito Santo e sensível para captar os sinais dos tempos (GS, 4), se renova continuamente e aperfeiçoa a sua sacramentalidade, para ser testemunha crível da missão a que é chamada, para reunir todos os povos da terra no esperado único Povo quando, no final dos



tempos, o próprio Deus nos sentará no banquete por Ele preparado (Francisco, 2024, p. 56).

Assim, a releitura do método **ver-julgar-agir** à luz da tríade “**escutar, discernir e caminhar**” não se trata apenas de atualizar uma metodologia pastoral, mas de reinterpretá-la em chave sinodal, valorizando a escuta recíproca, o discernimento comunitário e a corresponsabilidade de todos os batizados. Nesse itinerário, a Igreja deixa de agir a partir de respostas prontas ou de estruturas rígidas e se abre à ação do Espírito Santo, que conduz a um processo de contínua conversão e renovação. O Papa Francisco, ao propor essa tríade, recoloca no centro a experiência da escuta como primeiro passo para qualquer discernimento autêntico, reconhecendo que somente a partir dela é possível caminhar juntos, como expressão concreta de uma Igreja em saída, chamada a acompanhar a humanidade em suas alegrias e dores, esperanças e angústias, e a testemunhar, com fidelidade criativa, a presença do Reino de Deus no tempo presente.

3 Escutar, discernir e caminhar como um método para a Igreja sinodal

Percebe-se que **escutar, discernir e caminhar** não constitui apenas uma atualização terminológica do método **ver, julgar e agir**, mas integra um movimento mais amplo de “**sinodalização**” da vida e da missão da Igreja. Falar em transformação das estruturas eclesiais não significa apenas reformar modelos antigos, mas exige a **coragem de instaurar um novo paradigma**, inspirado pela ação do Espírito Santo. Como afirma França Miranda, é o “Espírito Santo o responsável pela configuração institucional da comunidade e por inspirar os fiéis a traduzirem esta sua ação no contexto sociocultural onde se encontra” (2022, p. 33).

A **sinodalidade**, nesse sentido, está profundamente vinculada à **relação da Igreja com o mundo**, especialmente pela estreita ligação entre sinodalidade e fraternidade. A Igreja não vive isolada: ela **existe e atua** necessariamente inserida em contextos **políticos, sociais, econômicos, culturais e religiosos**, nos quais testemunha a luz do Evangelho. Ao desejar compartilhar essa luz com toda a família humana, o Povo de Deus estabelece uma conexão real e profética com a história concreta.

Assim, **escutar, discernir e caminhar** não define apenas um novo método pastoral; trata-se de uma **expressão viva da vocação missionária**



da Igreja, que busca responder com fidelidade criativa aos apelos do Espírito nos contextos em que está inserida, mantendo-se atenta aos clamores da humanidade e à sua própria identidade evangelizadora.

Por isso, como **comunidade de fé**, a Igreja é chamada a **encarnar o modo de viver de Cristo**, aquele que veio “**não para ser servido, mas para servir**” (Mt 10,45). Em uma sociedade cada vez mais complexa, pluralista e marcada por desafios emergentes que exigem novas linguagens e práticas, a ação pastoral da Igreja nem sempre consegue acompanhar tais transformações. **Caminhar com Deus**, nesse contexto, significa **caminhar também com os pobres, os refugiados e os excluídos**, reconhecendo neles o rosto sofredor de Cristo. Significa também **dialogar com a ciência, a arte, a economia, a comunicação e com o mundo secular em geral**, ultrapassando fronteiras visíveis e invisíveis que separam a fé da vida cotidiana. Trata-se de um chamado a uma **Igreja em saída**, que não teme cruzar limites culturais e institucionais, mas se deixa conduzir pelo Espírito rumo à escuta e ao serviço nas periferias da existência humana.

Dessa forma, atentos às transformações do tempo presente, reconhece-se que, para que a **sinodalidade** seja uma **nota constitutiva** da Igreja, será necessário **superar os esquemas habituais** e abrir-se a novas formas de ser e agir eclesial. No processo sinodal, a Igreja assume uma **postura de escuta e aprendizagem**, permitindo que o **Espírito do Cristo ressuscitado** inspire e trace diversos **caminhos de vida** para cada realidade e comunidade.

Para que a **Igreja sinodal** coloque efetivamente em prática o método **escutar, discernir e caminhar**, é fundamental **valorizar a experiência das pequenas comunidades**. É nesses pequenos grupos que os fiéis têm a oportunidade de se conhecerem, partilharem suas histórias, sustentarem-se mutuamente na fé e cuidarem uns dos outros com proximidade e afeto evangélico. Essas comunidades podem ser organizadas a partir da **proximidade territorial** – como ruas, bairros, condomínios e vilas – ou segundo **afinidades existenciais**, como casais, jovens, estudantes universitários ou profissionais de diferentes áreas. Nesses espaços eclesiais, **ninguém passa despercebido**: cada pessoa é reconhecida como valiosa e indispensável, sentindo-se parte integrante de um corpo que vive, celebra, discerne e evangeliza **em comunhão**.

O **itinerário sinodal** exige uma **reconfiguração da própria organização eclesial**, orientada por uma concepção de Igreja que vá



além do modelo centrado exclusivamente em estruturas hierárquicas. Trata-se de compreendê-la, antes de tudo, como uma **comunidade de discípulos missionários**, onde todos – ministros ordenados, consagrados e leigos – são chamados a participar de um **processo contínuo de escuta, discernimento e aprendizagem**, em vista de uma maior fidelidade ao Evangelho e à missão confiada por Cristo.

Inspirada no testemunho das primeiras comunidades cristãs, a Igreja é convidada a reconhecer que, **apesar das resistências históricas**, sua natureza é essencialmente **comunitária e relacional**. É na **comunhão** que ela se configura como Povo de Deus e se abre ao diálogo com a totalidade dos fiéis. Nesse horizonte, as **pequenas comunidades eclesiais** devem ser incentivadas a funcionar em **rede**, evitando o isolamento e mantendo uma comunhão viva e orgânica com a **Igreja particular** e com a totalidade da Igreja.

Para que essas comunidades sejam de fato **expressão visível da Igreja** nos mais variados ambientes – urbanos, periféricos, acadêmicos ou profissionais – não basta apenas reunir pessoas. É necessário **criar vínculos, construir relações fraternas e cultivar a experiência da pertença e da corresponsabilidade**. Isso requer uma **nova mentalidade eclesial**, um novo modo de viver a fé, marcado por um espírito mais **humano, comunitário, solidário e missionário**.

Portanto, o método “**escutar, discernir e caminhar**” não é apenas uma atualização terminológica do “**ver, julgar e agir**”, mas uma expressão que traduz a sinodalidade como estilo de vida e de missão da Igreja. Ao integrar escuta, discernimento e corresponsabilidade, a Igreja é chamada a configurar-se como comunidade de discípulos missionários, próxima das realidades humanas e atenta aos clamores do Espírito. Esse caminho exige abertura a novas formas de ser e agir eclesial, fortalecimento das pequenas comunidades e uma mentalidade marcada pela comunhão, pela solidariedade e pelo testemunho missionário.

Conclusão

O método “**escutar, discernir e caminhar**”, proposto pelo Papa Francisco, representa uma transformação profunda na maneira como a Igreja se relaciona com o mundo contemporâneo e consigo mesma. Mais do que uma simples revisão do clássico “**ver, julgar e agir**”, essa proposta se enraíza na **espiritualidade sinodal** e aponta para uma renovação das



estruturas e das práticas eclesiais a partir de três pilares: **comunhão, participação e missão**. Trata-se de um caminho que promove uma escuta autêntica do Espírito Santo, favorece o discernimento comunitário e estimula uma jornada conjunta, marcada pela corresponsabilidade e pela abertura a todos.

Nesse horizonte, a **sinodalidade** não é uma alternativa entre outras, mas constitui um **chamado essencial** e irrevogável para a Igreja do nosso tempo. Redefine as práticas pastorais e os modos de exercício da autoridade, promovendo a **participação efetiva e engajada de todo o Povo de Deus** na missão evangelizadora. Mediante uma escuta atenta, empática e acolhedora, a Igreja é convidada a discernir com sabedoria os sinais dos tempos e, a partir deles, **caminhar com todos**, especialmente com os pobres, os vulneráveis e os excluídos, sendo sinal visível da misericórdia e da esperança do Reino de Deus em meio às realidades humanas.

Dessa forma, a Igreja deixa de ser uma “sociedade perfeita” para tornar-se uma **comunidade em missão**, aberta ao diálogo com o mundo e comprometida com sua vocação de **servir e transformar as realidades humanas à luz do Evangelho**. Essa é a direção de uma **Igreja plenamente sinodal**, que expressa a comunhão e o amor de Deus em todas as suas ações e decisões.

Compreendida nesta perspectiva, a **sinodalidade** não se restringe à vida interna da Igreja, mas diz respeito também à sua **relação com o mundo**, sobretudo por meio do vínculo intrínseco entre **sinodalidade e fraternidade**. Inserida na história e solidária com os dramas e esperanças da humanidade, a Igreja é chamada a **compartilhar a luz do Evangelho com todos os povos e culturas**, cultivando pontes em vez de muros. Nesse horizonte, o “**caminhar juntos**” como Povo de Deus implica o firme compromisso de **caminhar também com a família humana em sua totalidade**, promovendo a justiça, a dignidade e a paz como sinais concretos do Reino de Deus já presente e ainda por vir.

Referências

ALMEIDA, Andre. O Discernimento sinodal e pastoral em Francisco Reflexões teológicas e éticas de Aparecida ao Sínodo da Assembleia Eclesial. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 71, p. 63-75,



jan./jun. 2023. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/63158/63158.PDF>. Acesso em: 30 jun. 2025.

BRIGHENTI, Agenor. Método Ver Julga e Agir. In: PASSOS, João Décio (org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2015. p. 608-615.

BRIGHENTI, Agenor. *O método ver-julgar-agir: da Ação Católica à teologia da libertação*. Petrópolis: Vozes, 2022.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *O sensus fidei na vida da Igreja*. Vatican, 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20140610_sensus-fidei_po.html. Acesso em: 15 jul. 2025.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje. In: KLOPPENBURG, B. *Compêndio do Vaticano II*. Constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 141-256.

CZERNY, Michael. Uma Igreja que “caminha junto”. Sinodalidade na era do papa francisco. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 54, n. 1, p. 67-88, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/5009/4828>. Acesso em: 22 jul. 2025.

FERREIRA, Reuberson. Papa Francisco, e o método? Considerações sobre método ver-julgar-agir utilizado pelo Papa Francisco. *Pensar-Revista Eletrônica da FAJE*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 215-228, 2016. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/3649/3750>. Acesso em: 2 jul. 2025.

FRANÇAMIRANDA, Mário de. Espírito Santo e Sinodalidade. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 82, n. 321, p. 24-44, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/3934/3542>. Acesso em: 10 jul. 2025.

GOMES, Tiago de Fraga; BRUSTOLIN, Leomar Antônio; DALL’OSTO, Leonardo Lucian. O caminho da Igreja: primado, colegialidade e sinodalidade. *Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, Curitiba, v. 15, n. 1, p. 83-95, 2023. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/29236/26069>. Acesso em: 25 jul. 2025.

GUERRERO ALVES, Juan Antonio; MARTÍN LOPEZ, Óscar. *Conversa no Espírito: discernimento e sinodalidade*. Brasília: Edições CNBB, 2023.



PAIVA, Vitor; KOLLER, Felipe. A sinodalidade em nível paroquial. *Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, Curitiba, v. 15, n. 1, p. 66-82, 2023. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/30023/26068>. Acesso em: 1 jul. 2025.

PAPA FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco à Cúria Romana por ocasião das felicitações de Natal*. Vaticano, 2023. Disponível: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/december/documents/20231221-curia-romana.html>. Acesso em: 10 jul. 2025.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre a anúncio do Evangelho no mundo atual*. Vaticano, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 10 jul. 2025.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete Et Exsultate sobre o chamada à santidade no mundo atual*. Vaticano, 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html#fala_senhor. Acesso em: 1 jul. 2025.

PAPA FRANCISCO. *Homilia do Papa Francisco: celebração eucarística para a abertura do sínodo sobre sinodalidade*. Vaticano, 2021. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/20211010-omelia-sinodo-vescovi.html>. Acesso em: 2 jul. 2025.

PAPA FRANCISCO. *Primeira Congregação Geral Discurso inaugural*. Vaticano, 2024. Disponível em: https://www.synod.va/content/dam/synod/news/2024-10-26_final-document/POR---Documento-finale.pdf. Acesso em: 12 jul. 2025.

SECRETARIA DO SÍNODO DOS BISPOS. *XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos para uma Igreja sinodal: Comunhão, Participação, Missão – Metodologia para a Segunda Sessão da Assembleia Sinodal*. Vaticano, 2024. Disponível em: https://www.synod.va/content/dam/synod/assembly2024/press16_09/methodology/POR_Metodologia-2024.pdf. Acesso em: 21 jul. 2025.